

Efeitos e conseqüências da exposição à violência na televisão

Trabalho apresentado ao núcleo de Temas Livres XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Autor: Jair G. Rangel (doutor em Comunicação pela UFRJ; professor e membro do Grupo de Estudos em Recepção e Audiência da Puc-Minas;)

Resumo

Este artigo trata do processo de recepção de violência através da televisão e de suas conseqüências do ponto de vista sócio-cultural e psicológico de suas audiências. Tratamos, aqui, das idéias e teorias principais originadas a partir de pesquisas sociais realizadas nos últimos 50 anos, a partir de enfoques psico-sociais relativos ao processo de recepção e audiência dos telespectadores.

Palavras-chave

Processos de recepção e audiência na televisão; efeitos da violência na televisão; qualificação da violência.

De que maneira a mídia pode influenciar o comportamento, o desenvolvimento de hábitos e atitudes ou mesmo a nossa compreensão da realidade? Como e por que a violência exibida pela televisão causa agressividade em seus telespectadores? Tais perguntas têm sido objeto de investigação interdisciplinar desde os anos 30. O fato é que este assunto foi pesquisado, de forma sistemática, nos últimos 50 anos, desenvolvendo explicações teóricas como a da "teoria da estimulação", "teoria da aprendizagem social", "teoria da desinibição" e a "teoria da redução da agressão". Devido à sua importância, o tema gerou uma produção científica considerável, além dos estudos culturais e estéticos sobre mídia e violência.

Apesar de toda a dificuldade metodológica que envolve mensurações e tratamento de hipóteses sobre o impacto da violência veiculada através da televisão sobre a sociedade ocidental, existe uma espécie de consenso entre os pesquisadores mais conceituados de que esse tipo de exposição aumenta a propensão dos telespectadores a desenvolverem algum tipo de agressividade na vida real. Métodos de todo tipo foram utilizados para demonstrar estas relações: observação direta da agressão, questionários, diários, observação do comportamento, agressão verbal, grau e intensidade de choques dados em objetos, taxas

obtidas junto a pais e amigos, intensidade da agressão, entrevistas, resposta galvânica da pele, pressão arterial, batimentos cardíacos, etc. Vários tipos de estudo têm sido usados, a saber: experimentos de laboratório, meta-análise, análise de conteúdo, experimentos de campo, levantamentos de campo, estudos correlacionais, longitudinais e outros. Se considerarmos, ainda, a presente onda de programas, filmes e telejornais cujo foco é a violência, porque ela é atraente aos telespectadores, chegaremos à conclusão de que os estudos são pertinentes.

Estes métodos visam atender às perguntas fundamentais que sustentam os diversos tipos de hipóteses testadas sobre a relação entre a violência midiática e sua influência sobre os telespectadores: Qual a natureza da violência mostrada? Ela é real ou fantasiosa? Contra pessoas ou objetos? Qual o seu impacto no comportamento das pessoas? Qual a magnitude deste impacto? Como medir o impacto da audiência a cenas de violência na TV? Qual o seu impacto na percepção de mundo, do crime e do perigo de vitimização? Que associação existe entre pornografia, erotismo e violência na TV?

Relatórios importantes como o do Surgeon General's Scientific Advisory Committee on Television and Social Behavior destacam o caráter popular da violência que as emissoras exibem. Alguns argumentam, como os psicólogos sociais, que a violência televisiva é "potencialmente perigosa, servindo de modelo para o comportamento - em especial, das crianças" (ARONSON, 1995).

O objetivo deste artigo é discutir as várias vertentes de análise do fenômeno da violência na televisão, a partir da referência empírica acumulada pelos estudos de uma parcela considerável de estudiosos de áreas igualmente diferenciadas tais como comunicação, psicologia, estética e cultura., que contribuem, de forma interdisciplinar, para a compreensão do fenômeno.

1. A agressão e a violência no contexto cultural

Não é muito fácil correlacionar a violência exposta na televisão com uma situação real de agressão. As dificuldades em estabelecer as origens da agressão são as mesmas existentes em qualquer classe de comportamento. Isto não significa que tal medida seja impossível, uma vez que aprendemos, no dia a dia, que as emoções e comportamentos têm suas origens nas ambigüidades do ser humano.

Também não é muito claro o real significado do termo agressão. Suas múltiplas denominações podem aturdir as classes possíveis de agressão com as quais um pesquisador, mesmo sendo experiente e arguto, pode se deparar no processo de investigação da violência exibida na televisão.

Uma definição bastante concisa é aquela destacada por Arnold Buss (1975), baseada no fato de que agressão *é o ato, intencional ou não, de se infligir a alguém, ou alguma coisa, um estímulo desagradável*. Nessa classe de estímulos encontramos desde uma piada de mau gosto até o ataque físico direto, conforme podemos ver no Quadro A. Com as interações sugeridas no quadro de Buss, temos oito tipos diferentes de agressão.

Quadro A – Modalidades de agressão

Modalidades	Ativa		Passiva	
	Direta	Indireta	Direta	Indireta
Física	<i>Soco na vítima</i>	<i>Piada de mau gosto</i>	<i>Obstrução de passagem</i>	<i>Recusar-se a realizar uma tarefa necessária</i>
Verbal	<i>Insultar a vítima</i>	<i>Boatos maldosos</i>	<i>Recusar-se a falar</i>	<i>Recusar consentimento oral ou escrito</i>

Desta forma, nem todo estímulo agressivo se apresenta como tal, de forma explícita, porque a categorização de tais estímulos, no mundo da realidade, é muito mais ampla do que a visão burlesca da força física, dos efeitos especiais com destruições e mortes do cinema que focalizam todos os detalhes do ato agressivo, do culto à morte e à desordem mental. As sutilezas também podem assumir um significado especial no processo dinâmico de recepção, onde estão em jogo as crenças, as dúvidas e os limites de cada telespectador.

Aronson destaca que o mesmo termo é usado de várias formas, seja para destacar os horrores praticados por um estrangulador em uma cidade, uma jogada violenta no esporte, seja nas investidas de um vendedor de seguros falando dos riscos que o cliente pode sofrer se não tiver a cobertura da apólice e assim por diante (1995).

Aronson procura distinguir entre o comportamento que é prejudicial daquele que não é, aplicando o termo agressão tão somente em situações onde o comportamento atua causando danos ou dor (1995).

Tal comportamento pode assumir duas perspectivas: primeiro, quando a agressão é fruto de uma hostilidade intencional com um fim em si mesmo. Segundo, um tipo instrumental que tem um alvo já determinado. Mas isso não nos ajuda a resolver totalmente o problema da violência na televisão, devido a incipiência de muitas categorizações do que realmente seja ato violento ou não nas imagens da tela. Além disso, muitas vezes há pouca concordância quanto à natureza do ato agressivo, ou seja, se é fruto do instinto – de acordo com a posição de Sigmund Freud -, ou se é aprendizagem. Daí nem sempre ser possível saber se a ação agressiva é útil ou não ao indivíduo.

Algumas posições, como a de Konrad Lorenz, podem sugerir mais polêmica ao assunto. Suas observações de cunho etológico da agressividade ressaltam que a agressão não só é inata mas, também, inerentemente boa, uma parte essencial da organização dos instintos de preservação da vida.

2. O que dizem as pesquisas sobre o tema

A *National Commission on the Causes and Prevention of Violence* foi a primeira a concluir, baseada em revisão de literatura disponível, que a televisão é um dos muitos fatores que contribuem para o comportamento agressivo ou transgressivo. Outro exemplo é o *Surgeon General's Scientific Advisory Committee on Television and Social Behavior* que concluiu, baseado em novos estudos, que o comportamento agressivo ou anti-social de pelo menos uma parcela de jovens telespectadores aumentou através da violência na televisão. O relatório do *National Institute of Mental Health* confirmou o impacto da violência na TV em um comportamento agressivo subsequente dos telespectadores.

O relatório da *American Psychological Association* concluiu, dentre outras coisas, que o conteúdo da TV americana contém um padrão de violência bastante elevado. Segundo o relatório, este quadro tem persistido durante anos, demonstrando, também, uma clara evidência de que a violência exibida quotidianamente pode influenciar atitudes e comportamentos agressivos. Em nosso levantamento, constatamos que o direcionamento das

pesquisas sobre agressividade e comportamento anti-social, relacionados também ao conteúdo de programas da televisão, dá-se em quatro tópicos:

- (1) *no sentido de se confirmar uma relação positiva entre a audiência à violência na televisão e um comportamento agressivo subsequente através da modelação pelos meios de comunicação de massa, relacionando-se, ainda, as taxas de criminalidade, violência, erotismo e pornografia na programação de TV;*
- (2) *inversamente, pelo efeito nulo ou sem significância estatística desta relação;*
- (3) *pela mensuração das expectativas de vitimização por crime, com base na teoria do cultivo de Gerbner e,*
- (4) *de igual forma, através da busca de compreensão sobre como se processa a percepção de realidade através da violência na TV.*

2.1 Relação entre violência e comportamento anti-social

Antes mesmo dos relatórios do *Surgeon General's Scientific Advisory Committee on Television and Social Behavior*, da *National Commission on the Causes and Prevention of Violence* e do *American Psychological Association*, Albert Bandura e seus cooperadores já tinham alcançado notoriedade com seus experimentos que demonstraram que a agressão aprendida através de exemplos de modelos mediadores tem a capacidade de desinibir comportamentos ou eliciar novos. Segundo esta formulação, conhecida como **teoria da aprendizagem social**, ao assistirmos televisão, suas influências modeladoras podem produzir aprendizagem que, devido a uma série de fatores, podem contribuir na aquisição de representações simbólicas de atividades modelares e associações específicas de estímulo/resposta. Bandura (1973) desenvolveu experimentos que hoje são considerados clássicos. Um deles foi realizado com crianças na pré-escola e que consistia na observação de um modelo adulto agressivo que atuava ao vivo e em um filme. Um terceiro grupo assistia a um desenho animado com cenas agressivas. Um quarto grupo não assistiu a nenhum filme.

Os resultados da pesquisa demonstraram que se um agressor em um filme é punido pelos seus atos, há uma conseqüente inibição de comportamento agressivo de quem assiste,

mesmo se o comportamento tivesse sido aprendido. Por outro lado, quando o agressor observado não é punido ou ainda, é recompensado, as inibições contra a agressão diminuem e o observador tende a atacar (conforme aprendeu com o modelo) um alvo disponível.

Outras pesquisas realizadas por Bandura mostram que os processos de atenção são importantes, uma vez que a mera exposição à TV não garante a necessária percepção do observador. Para tanto, Bandura estudou os processos de retenção e atenção, incluindo as características do modelo e como a modelação pode ser mantida em períodos de tempo específicos.

A descrição da teoria feita por Comstock e Lindsey enfatiza a importância dos estudos de Bandura na compreensão de como as pessoas aprendem através da televisão:

"Uma das muitas hipóteses testadas derivadas desta teoria é a proposição de que as crianças aprendem ao observarem as imagens da televisão bem como observando as ações de pessoas na realidade. É o que os experimentos demonstram. Em muitos destes experimentos, o estímulo televisivo consiste de algumas formas de comportamento agressivo e a variável dependente acaba sendo "gravada" a partir da agressão que foi imitada. Os sujeitos analisados consistem de crianças dos primeiros períodos escolares. O que ficou claramente demonstrado é que as crianças podem adquirir formas agressivas de comportamento a partir da televisão e exibirão essas formas de comportamento agressivo quando agrupadas em brincadeiras escolares. Bandura, como Tannenbaum, acredita no rigor científico da verificação de hipóteses para construir sua teoria, a partir da inferência de causa e efeito. Entretanto, diferentemente de Tannenbaum, seu foco central tem sido a aquisição de comportamento. Sua teoria da aprendizagem social é reconhecida como uma das mais refinadas e bem testadas teorias no campo das ciências sociais, tornando-se numa das mais influentes fontes de pesquisa envolvendo televisão e agressividade. Bandura não se limita à questão da aquisição, mas avalia os atributos dos indivíduos, os estímulos observados e como o ambiente facilita ou inibe o desempenho de respostas adquiridas através de observação" (COMSTOCK & LINDSEY, 1975).

P. H. Tannenbaum encabeça uma linha de pesquisa conhecida como **hipótese da estimulação** (arousal hypothesis) que destaca que a exposição à violência na TV aumenta a agressividade porque essa mesma violência aumenta a excitação, ou seja, estimula aos telespectadores (TANNENBAUM & ZILLMAN, 1975). A palavra-chave, aqui, é *estimulação*, que, tendo origens diversas, seria a causa básica do aumento da agressividade nas pessoas.

George Comstock apresenta essa hipótese da seguinte maneira:

"O aumento da agressão acontece quando esta se torna uma resposta apropriada, como pode ser percebido em quase todos experimentos realizados com televisão e agressão. As implicações se desdobram em três aspectos principais: (1) a violência na TV pode estimular outros tipos de comportamento além da agressão; (2) outras classes de conteúdos não-violentos estimulam, igualmente, a agressão; e (3) muitos efeitos demonstrados pelos experimentos de laboratório e na vida real apresentam diferentes resultados na ponta da curva que mostra o aumento da excitação quando uma seqüência de filmes editada é assistida por uma audiência. A hipótese é amparada por estudos demonstrando que o humor, o erótico, a violência e outras classes de conteúdo aumentam, igualmente, o grau de excitação de alguns sujeitos observados; que exposição ao humor, ao erótico e outras classes de quadros de estimulação visual levam a uma maior agressividade sujeitos estudados (no caso, universitários) do que outras fontes de excitação; e que tanto a excitação fisiológica quanto o nível de comportamento podem variar dependendo de como a trama ou seqüência de imagens é tratada, ou seja, se há aspectos conclusivos ou não. Tannenbaum é um dos que advogam essa hipótese, com o objetivo de desenvolver uma teoria mais organizada, propondo rigorosos experimentos de laboratório para inferir relações de causa e efeito, manifestando-se céptico quanto à possibilidade de que o conteúdo violento, em si mesmo, seja o responsável pelo aumento da agressividade seguida pela audiência a uma cena violenta na TV" (COMSTOCK & LINDSEY, 1975).

Berkowitz é reconhecido na comunidade internacional que pesquisa a violência na televisão como sendo um dos expoentes na investigação do que se convencionou chamar de **hipótese da desinibição** (disinhibition hypothesis}, a qual destaca que a violência televisiva, em algumas circunstâncias, provoca o aumento da agressão interpessoal porque enfraquece as inibições contra este tipo de comportamento (BERKOWITZ, 1962).

Isto sugere o seguinte: tais circunstâncias mostram que a violência é recompensada de alguma forma (ou seja, proporciona algum tipo de ganho emocional ou simbólico), sendo que muitas das pistas sugeridas pelas imagens violentas ocorrem dentro de um contexto ambiental específico (contextualização), e que esse contexto nos remete a um alvo que visa atingir (prejudicar) ou provocar respostas na audiência. Da mesma maneira que Tannenbaum e Bandura, Berkowitz utiliza uma rígida metodologia empírica de pesquisa. Como Tannenbaum, Berkowitz tem se interessado pela contribuição direta da violência exposta na televisão ao desempenho de comportamentos adquiridos. Diferentemente de Tannenbaum e Bandura, suas pesquisas mais recentes trabalham com experimentos de campo em ambientes naturais (cf. COMSTOCK & LINDSEY, 1975).

Huessmann (1986) sugere que ao serem expostas à televisão, as crianças aprendem roteiros agressivos que servirão de guia para o comportamento tais como em situações de conflito interpessoal que passam a ser resolvidos de acordo com os modelos aprendidos. Esta linha de raciocínio é semelhante a de Berkowitz (1986) ao ressaltar que idéias

agressivas sugeridas por um filme violento podem estar relacionadas semanticamente a outros pensamentos, aumentando as chances de que o telespectador tenha outras idéias agressivas.

A pesquisa realizada pelo Centro para Política Comunicacional da Universidade da Califórnia em 1995, intitulada *The UCLA Television Violence Monitoring Report*, foi uma resposta às pressões do Congresso americano contra a televisão e seu conteúdo violento. As críticas dos congressistas visavam principalmente os perigos da exposição de crianças a programas violentos.

Foram feitos dois estudos envolvendo a televisão aberta e o sistema de TV a cabo. O principal objetivo foi examinar o conteúdo violento da televisão durante o horário nobre e nas manhãs de sábado. Os resultados da pesquisa, de forma resumida, foram os seguintes:

- O contexto no qual a maior parte da violência é apresentada na TV causam riscos a seus telespectadores.
- Os personagens saem impunes de pelo menos 73% de todos os atos violentos.
- As conseqüências negativas da violência nem sempre são retratadas na programação violenta.
- Uma em cada quatro interações envolvem o uso de armas de fogo de mão.
- Apenas 4% dos programas violentos enfatizam um tema anti-violento.
- Uma nota positiva: a violência na TV é usualmente pouco explícita ou gráfica.
- Os canais de TV a cabo *premium* (pacotes mais completos) apresentam a mais alta percentagem de programas violentos (85%).
- Os programas infantis têm a menor probabilidade, em todos os gêneros, de mostrar as conseqüências negativas da violência (5%).

Além dos resultados descritos acima, a pesquisa constatou que o volume de imagens e conteúdos violentos diminuiu em proporções ainda pouco importantes. Contudo, o requinte da violência exibida aponta para efeitos cada vez mais danosos para os telespectadores, com o incremento gráfico e estético de cenas violentas e de agressividade.

O estudo da equipe da UCLA parte de três tipos de efeitos principais provocados pela televisão, ou seja, o medo, a aprendizagem da agressão e a dessensibilização.

Quadro B - Predição de impacto de fatores contextuais em três formas de exposição à violência na mídia

Taxas de avaliação da violência na mídia			
Fatores contextuais	Aprendizagem da agressão	Medo	Desensibilização
Perpetrador atraente	D		
Alvo atraente		D	
Violência justificada	D		
Violência injustificada	t	D	
Presença de armas	D		
Violência gráfica/estética	D	D	D
Violência realista	D	D	
Recompensas	D	D	
Punições	t	t	
Pistas de dor/prejuízo	t		
Humor	D		D

Nota: Os efeitos previstos são baseados em revisão das pesquisas sobre os fatores contextuais da violência. Os espaços em branco indicam que a pesquisa existente ainda é inadequada para as predições necessárias.

D= Provavelmente *umenta* o resultado

t= Provavelmente *diminui* o resultado

A categorização feita pela equipe da UCLA ressalta a importância do contexto em que a violência é retratada. Mesmo a indústria da televisão reconhece, há muito tempo, que a violência pode ter diferentes significados dependendo da forma como é apresentada em um programa. A National Cable Television Association (1993) estipulou o seguinte:

“... o uso gratuito da violência como uma solução fácil e conveniente dos problemas humanos é danosa à nossa indústria e nossa sociedade. Queremos desencorajar e de fato reduzir a frequência de tais usos exploradores da violência no sentido de preservar nosso direito a mostrar programas que subvertam o sentido real e provoquem, por consequência, um comportamento violento”.

De maneira similar, a Network Television Association (1992) estabeleceu padrões limites para a exibição de violência na televisão, alertando para os riscos de se mostrar, dentre outras coisas, “cenas de indiferença diante do sofrimento”, “cenas onde as crianças são vitimizadas”, e “quadros mostrando o uso de armas e outros complementos que ensinem às crianças o quanto tudo isso é acessível”.

Desta forma, o quadro de categorizações feito pelos especialistas da Universidade da Califórnia parte de conceitos teóricos já bastante conhecidos e confirmados por extensas pesquisas de curto, médio e longo prazos.

2.2 Efeito nulo ou impacto pouco significativo

O montante das pesquisas realizadas desde a década de 50 nos Estados Unidos não confirmam a hipótese de que a televisão tem pouco ou nenhum impacto no comportamento agressivo das pessoas, defendida por alguns autores, como Kaplan e Singer - este último em sua primeira fase. Eles sugerem que as pesquisas não têm validade externa, isto é, não podem ser confirmadas fora do laboratório. Argumentam, também, que os experimentos são falhos e podem ser discutidos em sua eficácia metodológica. Sobre este tipo de abordagem, procuramos selecionar alguns resultados obtidos por pesquisadores que elaboraram hipóteses de que a violência exposta pela televisão tem pouco ou mesmo nenhum impacto sobre a sua audiência.

A hipótese da catarse - O termo catarse é originado do grego e significa “purificação”, “limpeza”. É apresentado como uma espécie de válvula de escape de inúmeras tensões e conflitos, dando-lhes um novo direcionamento. Feshbach é quase sempre identificado como o proponente dessa hipótese, mas pertence a um campo de explicações bastante controverso e complexo. O termo **hipótese da redução da agressão** também é aceito e parece refletir melhor o escopo dessa abordagem, que destaca que sob certas condições, a violência exposta na televisão pode acabar reduzindo a possibilidade de uma agressão (FESHBACH, 1961).

Como funciona esse mecanismo atenuador de respostas agressivas? Feshbach considera que tal condição ocorre quando os telespectadores apresentam deficiências na capacidade de inventar fantasias agressivas. Desta forma, as imagens são úteis no autocontrole de impulsos agressivos, uma vez que as mesmas cumprem o papel da fantasia não-realizada. Significa dizer que a violência televisiva fornece o "material" para a efetivação dessas fantasias, contribuindo na redução do comportamento agressivo.

Dentro do tema que estamos focalizando, a catarse pode amenizar ou mesmo redirecionar o comportamento agressivo quando assistimos cenas violentas na televisão.

Segundo a hipótese desenvolvida inicialmente por Seymour Feshbach, a fantasia expressada nas cenas violentas podem reduzir, pelo menos em parte, situações de agressão induzida. Ou seja, as histórias dramatizadas “esgotam” tendências agressivas através de fantasia vicariante

Para que isso ocorra, é necessário que os telespectadores tenham pouca habilidade em criar fantasias agressivas, tornando a televisão em um bom espaço para o controle da agressividade nas pessoas.

Feshbach (1961) realizou um dos primeiros estudos experimentais defendendo esta hipótese. O experimento consistia em submeter um grupo de estudantes universitários às cenas do filme “Body and Soul”. Outro grupo assistiu a um filme de conteúdo neutro. Alguns alunos tinham sido previamente insultados por uma pessoa, com o intuito de se provocar raiva. Feshbach concluiu que alguns alunos diminuíram sua raiva após assistirem ao filme violento.

Uma outra importante condição é descrita por Feshbach quando a imagem violenta cria uma ansiedade agressiva, que leva à inibição dos impulsos agressivos. Cabe aqui explicarmos que há pouca referência na literatura que consultamos que possa corroborar essa hipótese.

Uma outra versão desta teoria é a da *empatia* do telespectador, isto é, a de que a violência na televisão será seguida pela diminuição da agressão quando as conseqüências da agressão assistida não atenderem às expectativas do telespectador.

Devemos considerar o fato de que a discussão envolvendo violência e mídia e os argumentos de uma mútua influência precedem a existência da televisão. Cerca de 2.500 anos, na Grécia Antiga, as mesmas questões fundamentais foram feitas envolvendo o drama representado por atores nas apresentações teatrais. Aristóteles sugeria que o drama era efetivo e mesmo desejável por causa da catarse.

"Isto significa que a audiência torna-se psicologicamente envolvida com a história que se desenrola no palco, mesmo que sabem se tratar de uma mera obra de ficção, e que, quando a agressão entre os atores atinge seu clímax, ocorre a catarse ou a liberação de pressões da parte da audiência, a qual experimenta a agradável sensação de "purificação", da libertação, mesmo que momentânea, de toda a idéia de atos violentos que carregam em si mesmos". (ARONSON, 1995).

Se nos referirmos a Feshbach e à teoria da "redução da agressão", estamos, de fato recorrendo a um antigo princípio revisitado na avaliação recente da mídia e suas funções sociais. No entanto, um grande número de especialistas concordam com Aronson no fato de que existe pouca evidência científica que corrobore tal visão. Aronson (1995) cita estudos de catarse nas atividades esportivas realizados por William Menninger, L. Berkowitz, Arthur Patterson, e Warren Johnson que relatam que não encontraram "elementos que pudessem comprovar a idéia de que a atividade física intensa possa reduzir a agressão [e] nenhuma evidência consistente que confirmasse a hipótese da catarse".

Além daqueles que defendem a hipótese catártica, temos outros autores - em menor número - que abordam o tema sob o ponto de vista da viabilidade das técnicas usadas ou mesmo de sua utilização perante a comunidade científica. Ball (1976) procura discutir o delineamento das pesquisas, como por exemplo, a amostragem e as formas de mensuração. Sua conclusão é a de que o impacto da violência na TV não pode ser medido de forma contundente. O australiano Bear (1994) vai mais longe e leva o assunto para o campo da política acadêmica ao afirmar que as pesquisas sobre violência na TV são um mito elaborado por um grupo restrito. Freedman (1984) realizou alguns estudos e concluiu que as evidências empíricas disponíveis não sustentam a relação causal entre a TV e a agressão, não justificando, desta forma, o estabelecimento de uma política pública.

2. 3 Exposição à mídia e aumento de taxas de criminalidade

A relação entre a exposição à violência na televisão e o aumento das taxas de criminalidade é outra preocupação dos autores consultados. Estes estudos procuram relacionar a televisão e outros meios de comunicação a dados estatísticos sobre aumento ou diminuição da criminalidade, de suicídios, acidentes de trânsito e outras taxas. Dentre os diversos estudos publicados, destacamos o de Phillips e Hensley (1984), onde concluíram que a relação entre a cobertura efetuada pela mídia e alguns tipos de mortes desencadeiam um forte componente psicológico e social. Eles observaram que após uma luta de pesos pesados o número de homicídios aumentou, diminuindo após notícias de sentenças de condenações.

Stack (1989) também segue a mesma linha de pensamento, o que pode ser constatado em seu levantamento do efeito da divulgação de assassinatos e suicídios pela

mídia no período de 1968 a 1980. Sua conclusão é a de que a exibição deste tipo de notícia contribui para o crescimento da taxa de suicídios. Do mesmo modo, Centerwall (1989) afirma que a televisão é uma das causas da violência social. Ele apoia a teoria de uma relação causal entre a exposição de populações à TV e um maior crescimento nas taxas de violência criminal. Estudo semelhante foi desenvolvido por Gerbner (1988) que avaliou a violência e o terror nos meios de comunicação de massa.

Em estudo realizado em 1984, Henningan (1984) concluiu que nas últimas três décadas anteriores, a taxa de suicídios havia crescido dramaticamente entre jovens de 15 a 24 anos de idade, representando a terceira causa de morte entre este grupo de idade.

Um contraponto a estas idéias é a pesquisa realizada por Lester (1989) junto a *National Coalition on Television Violence* (NCTV), que catalogou a estatística dos 10 livros mais vendidos, todo ano, de 1933 a 1984, tomando como medida a taxa de violência. Houve correlação entre esta taxa com taxas de suicídios e homicídios anuais. Além disso, a NCTV avaliou o montante de violência de filmes de 20 países em 1987. As correlações de Pearson entre a violência em filmes e as taxas de suicídios e homicídios foram na mesma direção das análises realizadas nos livros mais vendidos, mas não houve significância estatística. Os resultados destas análises sugerem que a violência em média pode ser fracamente associada com taxas nacionais de violência pessoal.

2.4 Percepção da realidade

Alguns autores partem de perguntas relacionadas com a maneira pela qual as pessoas percebem a realidade das cenas que assistem na televisão: os sujeitos expostos às cenas de violência são capazes de diferenciar entre o que é fantasia e o que é real? Será que a violência apresentada em telejornais é mais efetiva para a relação com o comportamento agressivo do que em filmes de entretenimento, por exemplo? A partir destas questões, os autores procuram uma forma mais específica de abordagem para vincular a violência assistida e o grau de percepção de realidade dos telespectadores. Em um estudo publicado em 1984, Adoni e Cohen apresentaram a hipótese de que a percepção diferenciada da complexidade e intensidade de conflitos sociais entre o mundo “real” e noticiário na TV dependem das experiências pessoais dos indivíduos com conflitos sociais. A descoberta

mais significativa foi a de que adolescentes são capazes de diferenciar entre realidade social e realidade na TV. Os conflitos sociais são considerados mais complexos e mais difíceis de serem resolvidos do que conflitos sociais nos telejornais.

O resultado de um experimento realizado por Atkin (1983) procura reforçar esta idéia com a hipótese de que situações violentas reais apresentadas em telejornais têm maior impacto na agressividade do que as mesmas cenas retratadas como fictícias e de entretenimento. Outros aspectos levantados pelo autor foram os seguintes:

- (a) o de que a agressão de adolescentes aumenta com a percepção da realidade da violência da TV,
- (b) formas realistas de ação violenta produzem mais agressão,
- (c) realidade ou fantasia não são uma propriedade do estímulo produzido pela mensagem, mas uma percepção própria do receptor e,
- (d) a percepção da realidade pode ser estabelecida pelo grau de distinção que a audiência faz entre os eventos, se são características de um mundo real ou não, se a distinção é pertinente ao ambiente físico e social do telespectador.

Entretanto, o estudo publicado por Gunter e Furnham (1984) ressalta que ambas as formas, ficcional e física, têm significativos efeitos nos telespectadores de cenas violentas.

Hawkins, Pingree e Adler (1987) estudaram os processos cognitivos com base no efeito de cultivo de Gerbner. Para eles, as percepções do mundo da TV servem como passo intermediário entre uma aprendizagem fragmentada da TV e crenças sobre o mundo real. Tais crenças, que estão proximamente ligadas ao conteúdo da TV, são um passo intermediário no incremento de valores gerais e crenças.

Linz, Donnerstein e Penrod (1984) relataram os efeitos da exposição de filmes com violência contra mulheres. Após assistirem cinco filmes deste tipo, homens manifestaram, ao final, menos reações emocionais negativas com relação às cenas, percebendo-as como menos violentas e degradantes.

Rule e Ferguson (1986) defendem que muitos aspectos da cognição parecem mediar a ligação audiência/violência. Telespectadores que gastam muito tempo em frente à TV assistindo violência demonstram atitudes favoráveis ao que vêem, além do crescimento da tolerância à agressão. Estas, no entanto, não parecem contribuir de forma mais ampla a

atitudes favoráveis à agressão. A recepção da mensagem sobre agressão depende da cognição de cada telespectador.

2.5 George Gerbner e a teoria da cultura

Um número bastante significativo de pesquisas tem se ocupado em estudar o impacto que a programação de TV (ficcional ou não) exerce sobre determinada parcela de telespectadores que se tornam mais preocupados com a vitimização pessoal ou mesmo envolvimento por crimes. São aquelas pessoas que temem pelas suas vidas e superestimam as probabilidades de serem vítimas de assaltos, homicídios, raptos e outras contingências de nossa sociedade violenta.

Esta distorção foi devidamente analisada por George Gerbner através de sua **teoria do cultivo**, ou seja, uma tentativa de se explicar as formas pelas quais as pessoas constroem uma visão de mundo a partir das informações adquiridas pelos meios de comunicação, em particular a TV.

Signorielli (1990) nos mostra que a análise do sistema de mensagens indica que a estrutura básica dos temas, da caracterização, ação e destino no mundo do drama televisivo tem sido estável nos últimos 20 anos. A violência é usada na programação para demonstrar quem faz o quê contra quem e quem tem a capacidade de submeter os outros. Mulheres, jovens e idosos e algumas minorias são mais vulneráveis à vitimização na TV. Estas conclusões de Signorielli são semelhantes às conseguidas pelo relatório da American Psychological Association (1986) que relaciona subgrupos norte-americanos tais como crianças, pessoas marginalizadas, idosos e algumas minorias que consomem muita televisão devido à falta de alternativas relacionadas ao baixo poder aquisitivo. Desta forma, esta parcela da audiência, que está mais exposta à televisão pelas razões que destacamos acima, são mais propensas à construção de um mundo semelhante àquele que lhes é exposto quotidianamente pelas emissoras de TV.

Barrile (1984) conduziu um estudo utilizando entrevistas através de amostra estratificada simples por cotas de 147 residentes de cidade de médio porte (com 85 mil habitantes) do Connecticut, durante o período de um ano (1977-78). O roteiro da entrevista incluiu questões sobre atitudes relacionadas a crimes, violência, vítimas, punição, conteúdo

da TV e seus efeitos. Três questões foram feitas sobre autodeterminação. A análise das informações apoiaram, com fortes evidências, a hipótese de que a audiência à TV está relacionada à uma visão distorcida de crime. Os dados também sugerem, com forte ênfase, a hipótese de que a audiência à TV também se relaciona a atitudes retributivas sobre punição. Houve significativo apoio à hipótese de que a preferência à programação violenta está relacionada a atitudes personalizadas sobre crime e atitudes retributivas concernentes à justiça.

Ogles e Hoffner (1987) testaram a hipótese de Gerbner em um estudo que mostrou a relação positiva e significativa entre estimativas de vitimização e a percepção de violência na TV. Os autores observam que as pessoas pesquisadas associavam estas estimativas com programas de entretenimento. Ogles e Sparks (1989) dirigiram outro estudo na mesma direção procurando avaliar o impacto da teoria do cultivo a partir de três medidas: o tempo gasto assistindo à TV em geral; o tempo gasto assistindo à violência e o número de atos violentos/hora na TV. Os resultados mostraram que medidas de tempo gasto podem levar à conclusões, com base na hipótese de cultivo, diferentes daquelas baseadas na exposição e no total de violência assistida.

Estep e MacDonald (1985) argumentam, de igual maneira, após pesquisarem o conteúdo do horário nobre da televisão entre 1976 e 1983, que as emissoras continuam a enfatizar uma programação com assassinatos, roubos e assaltos e minimizar crimes contra a propriedade, a despeito das estatísticas sobre crime.

O conceito, aspectos teóricos e metodológicos desta hipótese também foram abordados por Signorielli (1990). Ele procura descrever quais são as questões mais frequentes relacionadas pelos estudos e sugerem que os pesquisadores devem abordar as seguintes questões:

- (1) *Como a cultura ocorre?*
- (2) *Que subgrupos demográficos são mais propensos a mostrar evidências de cultura?*
- (3) *Como a cultura é mediada por relações interpessoais e familiares?*
- (4) *Quais são os níveis de cultura?*
- (5) *Como as orientações obtidas pelos telespectadores através da TV influenciam o efeito de cultura?*

(6) Qual é o papel da experiência pessoal em cultivação?

(7) Quais são os papéis de programas específicos e gêneros na cultivação?

3. Considerações complementares

As crianças estão mais vulneráveis aos conteúdos televisivos, bem como assistem mais televisão do que os adultos, daí o caráter de grande preocupação com crianças e adolescentes evidenciado pelas pesquisas divulgadas sobre a violência na televisão. Partindo do princípio de que a violência na televisão de fato aumenta a agressividade da audiência, podemos sustentar que tal experiência pode, em grande medida, produzir um efeito "negativo".

Os experimentos de Bandura envolvem crianças assistindo a um filme onde adultos socam um boneco de plástico, o João-teimoso. As crianças imitam o comportamento exibido pelos adultos. A pergunta de Aronson "quem liga para o que uma criança faz a um João-teimoso?" (1995) deve ser comparada com estudos como os de George Gerbner e a sua equipe da Annenberg School, que gastou 25 anos analisando o horário nobre e as manhãs de sábados da TV. Gerbner fez as contas e descobriu que

"a violência prevalece em oito de cada dez programas. Além do mais, uma média de cinco ou seis incidentes violentos ocorrem a cada hora. E nos desenhos, os preferidos das crianças? Estes contêm mais violência - pelo menos dezoito atos de agressão a cada hora. Segundo os parâmetros de pesquisa norte-americanos, um pré-adolescente com doze anos de idade já terá assistido na vida, em média, a pelo menos 100.000 atos agressivos na TV" (ARONSON, 1995).

As páginas policiais dos jornais estampam, cotidianamente, uma espécie de reprodução do experimento com o *bobo doll* de Bandura: os adultos, de forma sistemática, infligem às crianças todo tipo de punição, que vão desde o espancamento até a morte brutal. Neste caso, os experimentos têm forte referência no dia a dia dessas crianças cuja vulnerabilidade é preocupante. Ficam à mercê da violência física e presencial dos adultos e de uma sociedade brutalizada; estão expostas, também, à uma violência simbólica cada vez mais requintada e fora do controle.

Aronson, por outro lado, adverte para o fato de que entre os adultos os efeitos podem ser igualmente danosos. Ele cita o filme de 1993, *The Program*, no qual estudantes universitários deitam no meio de uma auto-estrada para provar sua coragem. Coincidência ou não, dois universitários foram mortos em Nova Jersey e Pennsylvania fazendo a mesma coisa (ARONSON, 1995). O filme foi re-editado para eliminar essa cena visando prevenir novas "casualidades". Em 1999, um rapaz invadiu um cinema em São Paulo e abriu fogo contra a platéia, repetindo as cenas de um filme cujo protagonista era o ator Leonardo Di Caprio.

Os estudos sistemáticos sobre o tema da violência na televisão são importantes para evitar os extremos, fruto de um desconhecimento da extensão dos efeitos em comunicação: ao abandonarmos a investigação científica, corremos o risco de abraçarmos explicações casuísticas e até mesmo fantasiosas, atribuindo à televisão, por causa de casos isolados, a responsabilidade por atos criminosos e transgressivos. Ou seja, esses casos sugerem que as imagens violentas podem levar "determinados" indivíduos em "determinadas" circunstâncias ao ato agressivo. De outra forma, tais explicações, usuais em uma imprensa desinformada e sensacionalista, soam como explicações pseudocientíficas e acabam por confundir a opinião pública a respeito de tema tão relevante.

Avaliações precipitadas ou generalizadoras podem conduzir a sociedade - e até mesmo à comunidade científica - ao ceticismo. Jerry Mander, para exemplificar, chegou ao que poderíamos chamar de conclusões baseadas no senso comum a partir de gravações informais com cerca de 2.000 entrevistas e descrições escritas a respeito da televisão. As 15 frases usadas com maior frequência destacadas por Mander foram:

"Eu fico hipnotizado quando assisto à televisão"; "a televisão suga minha energia"; "sinto como se passasse por uma lavagem cerebral"; "sinto-me como um vegetal quando estou diante do tubo da TV"; "a televisão me deixa fora de órbita"; "a televisão é uma esponja que me absorve"; "meus filhos se parecem com zumbis quando assistem à TV"; "a TV está destruindo minha mente"; "meus filhos parecem sonâmbulos por causa dela"; "a televisão está tornando as pessoas estúpidas"; "a televisão transforma minha mente em um cogumelo"; "se a TV está ligada, não posso desviar meus olhos dela"; "sinto-me coisificado por ela"; "a TV está colonizando meu cérebro" e "como posso manter meus filhos distantes da TV e voltar a viver?" (MANDER, 1978)

Tais frases e histórias relatadas pelos entrevistados devem motivar pesquisadores como Aronson e ao público de maneira extensa a refletir sobre as relações envolvidas no processo de difusão e recepção de imagens violentas pelos meios de comunicação, em particular a televisão. Cabe à Universidade, em caráter de investigação interdisciplinar e cooperativa, desenvolver estudos que forneçam à sociedade subsídios para tomarem decisões sociais, políticas e culturais com respeito à exposição da violência e suas implicações para todos nós.

Referências bibliográficas

1. ADONI, H., COHEN, A. A., "Social reality and television news: perceptual dimensions of social conflicts in selected areas". *Journal of Broadcasting and Electronic Media*. Washington DC: Broadcast Education Association, 28(1), p. 33-49, 1984.
2. ARONSON, E., *The Social Animal*, New York: W.H. Freeman and Co., 7th Edition, 1995
3. ATKIN, C. "Effects of realistic TV violence vs fictional violence on aggression". *Journalism Quarterly*. Columbia: Association for Education in Journalism and Mass Communication at the University of South Carolina, 60(4), p. 615-621, 1983.
4. BALL, S. "Methodological problems in assessing the impact of television programs". *Journal of Social Issues*. Ann Arbor, Michigan: Society for the Psychological Study, 32(4), p. 9, 1976.
5. BANDURA, A. *Aggression: a social learning analysis*. N. Jersey: Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1973.
6. BARRILE, L. "Television and attitudes about crime: do heavy viewers distort criminality and support retributive justice". In: SURETTE, R. (ed.). *Justice and the Media: Issues and Research*. Springfield: Charles C. Thomas Publisher, p. 141-158, 1984.
7. BEAR, A. "The myth of television violence". *Media Information Australia*. North Ryde: 33, p. 5-10, 1994.
8. BERKOWITZ, L., "Violence in the mass media", in Berkowitz, L., *Aggression: a social psychological analysis*, New York: McGraw-Hill, 1962.
9. BERKOWITZ, L. "Situational influences on reactions to observed violence". *Journal of Social Issues*. Ann Arbor: Society for the Psychological Study, 42(3), p. 93-106, 1986.
10. BUSS, A H. "A agressão compensa", in: SINGER, J. L. (org.) *O controle da agressão e da violência*. S. Paulo: EPU, 1975.
11. CENTERWALL, B. S. "Exposure to television as a cause of violence". In: *Public Communication and Behavior (vol 2)*. San Diego: Academic Press, p. 1-59, 1989.
12. CHARTERS, W. W. *Motion pictures and youth*. New York: Macmillan, 1933.
13. COMSTOCK, G. & LINDSEY, G., *Television and Human Behavior: The Research Horizon, Future and Present*, R-1748-CF, Santa Monica, CA: Rand, June 1975.
14. ESTEP, R., MACDONALD, P. F. "Crime in the afternoon: murder and robbery on soap operas". *Journal of Broadcasting and Electronic Media*. Washington DC: Broadcast Education Association, 29(3), p. 323-331, 1985.

15. FESHBACH, S. "The stimulating versus cathartic effects of a vicarious aggressive activity". *Journal of Abnormal and Social Psychology*. Washington DC: American Psychological Association, 63(2), p. 381-385, 1961.
16. FREEDMAN, J. L. "Effect of television violence on aggressiveness". *Psychological Bulletin*. Washington DC: American Psychological Association, 96(2), 1984, p. 227-146.
17. GERBNER, G. *Violence and terror in the mass media - Reports and papers on mass communication, n. 102*. Paris: Unesco, 1988.
18. GUNTER, B., FURNHAM, A. "Perceptions of television violence: effects of program genre and type of violence on viewer's judgements of violence portrayals". *British Journal of Social Psychology*. Letchworth: 23(2), p. 155-164, 1984.
19. HAWKINS, R. P., PINGREE, S., ADLER, I. "Searching for cognitive processes in the cultivation effect: adult and adolescent samples in the United States and Australia". *Human Communication Research*. Beverly Hills: Sage Publications, 13(4), p. 553-577, 1987.
20. HENNINGNAN, K. M., et al. "Impact of the introduction of television on crime in the United States". In: Surette, R. (ed.) *Justice and the media: issues and research*. Springfield: Charles C. Thomas Publisher, p. 182-198, 1984.
21. HUESMANN, L. R. "Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer". *Journal of Social Issues*. Ann Arbor: Society for the Psychological Study, 42(3), p. 125-139, 1986.
22. LESTER, D. "Media violence and suicide and homicide rates". *Perceptual and Motor Skills*. Missoula: 69(4), p. 894-920, 1989.
23. LINZ, D. G, DONNERSTEIN, E., PENROD, S. "The effects of multiple exposures to filmed violence against women". *Journal of Communication*. Philadelphia: Annenberg School Press, 34(3), p. 130, 1984.
24. MANDER, J., *Four Arguments for the Elimination of Television*, New York: Quill, 1978.
25. NATIONAL CABLE TELEVISION ASSOCIATION. *Industry policy statement regarding violence*. Washington, DC: 1993.
26. NATIONAL COMMISSION ON THE CAUSES AND PREVENTION OF VIOLENCE. *To establish justice, to ensure domestic tranquility*. Washington, DC: U. S. Government Printing Office, 1969.
27. NATIONAL TELEVISION VIOLENCE STUDY (VOL. 1). Newbury Park, California: Sage, 1997.
28. OGLES, R. M., HOFFNER, C. "Film violence and perception of crime: the cultivation effect". *Communication yearbook (vol. 10)*. Newbury Park: Sage Publications, p. 384-394, 1987.
29. OGLES, R. M., SPARKS, G. G. "Television violence and viewer's perceptions of criminal victimization". *Mass Comm Review*. 16(3), p. 2-11, 1989.
30. PHILLIPS, D. P., HENSLEY, J. E. "When violence is rewarded or punished: the impact of mass media stories on homicide". *Journal of Communication*. Philadelphia: Annenberg School Press, 34, p. 10, 1984.
31. RULE, B. G., FERGUSON, T. J. "The effects of media violence on attitudes, emotions, and cognitions". *Journal of Social Issues*. Ann Arbor: Society for the Psychological Study, 42(3), p. 29-50, 1986.
32. SIGNORIELLI, N. "Television's mean and dangerous world: a continuation of the cultural indicators perspective". In: Signorielli, N., Morgan, M. (eds.). *Cultivation analysis: new directions in media effects research*. Newbury Park: Sage Publications, p. 85-106, 1990.
33. STACK, S. "The effect of publicized mass murders and murder-suicides on lethal violence, 1968-1980: a research note". *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*. 24(4), p. 202-209, 1989.

34. SURGEON GENERAL'S SCIENTIFIC ADVISORY COMMITTEE ON TELEVISION AND SOCIAL BEHAVIOR. *Television and growing up: the impact of televised violence (Apresentado ao Surgeon General, Serviço de Saúde Pública dos EUA)*. Washington, D. C: U. S. Government Printing Office, 1972.
35. TANNENBAUM, P. H. & ZILLMAN, D., "Emotional arousal in the facilitation of aggression through communication", in L. Berkowitz (ed.), *Advances in Experimental Social Psychology*, Vol. 8, New York: Academic Press, 1975.